

## GILBERTO FREYRE: TENTATIVA DE INTRODUÇÃO À SUA OBRA

Hermann Matthias Görgen  
Traduzido do alemão por  
Roberto Motta

### ECOS DE UMA OBRA

Em 1933 aparecia, no Rio de Janeiro, *Casa-Grande & Senzala*, livro de um jovem sociólogo recifense, Gilberto Freyre, nome naquele tempo pouco conhecido, mas do qual hoje o Brasil tanto se orgulha, pela repercussão enorme daquele livro e dos muitos que o seguiram, diversos deles vertidos para os principais idiomas de todo o mundo. Representou coincidência histórica do maior significado que aparecesse justamente em 1933, no mesmo ano em que Hitler tomou o poder na Alemanha, pois, sem favor, trata-se da mais completa e decisiva refutação do nacional-socialismo que até hoje se escreveu.

Dentro da Sociologia contemporânea, Gilberto Freyre, descendente de uma das famílias mais antigas de sua terra, ocupa lugar do maior destaque. Entre as muitas distinções que recebeu, encontram-se doutorados "honoris causa" da Sorbonne, das Universidades de Colúmbia, Münster, Sussex e Coimbra; o Prêmio Ansfield-Wolf e o Prêmio Aspen, dos Estados Unidos, este último muitas vezes comparado ao Prêmio Nobel; o Prêmio La Madonnina, de Milão; a Ordem de Cavalaria do Império Britânico ("Knight of the British Empire"), com o título de "Sir". Seu octogésimo aniversário, transcorrido em 1980, foi ocasião de numerosas homenagens.

Gilberto Freyre é um dos sete membros honorários da Sociedade Americana de Sociologia; pertence à diretoria da Sociedade Marc Bloch para o Estudo

\* *Gilberto Freyre: Versuch Einer Einführung in Sein Werk*, introdução à segunda edição alemã de *Casa-Grande & Senzala, Herrenhaus und Sklavenhütte: Ein Bild der Brasilianischen Gesellschaft*, Stuttgart, Klett-Cotta, 1982, pp. 7-18.

Comparativo das Culturas; membro também da Associação Americana de Antropologia, da Sociedade Americana de Filosofia, da Academia de Ciências de Lisboa, da Academia do Ultramar de Paris, do Instituto de Sociologia da Universidade de Buenos Aires e de muitas outras associações científicas internacionais.

Em 1962 reuniram-se, em livro publicado no Rio de Janeiro, *Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia e Sua Arte*, as contribuições de 64 personalidades da ciência e da cultura do Brasil, buscando compreender a obra de Gilberto Freyre e sua influência sobre o desenvolvimento da cultura brasileira. Trata-se de autores da maior importância, porém, infelizmente, pouco conhecidos na Alemanha. É portanto preferível cita — traduzindo-as sempre dos textos originais — algumas opiniões de especialistas estrangeiros.

Georges Gurvitch considera a Sociologia de Gilberto Freyre “complexa, densa e profunda”, voltada para o “fato social total”; Gilberto Freyre, para Gurvitch, “é um dos maiores sociólogos — talvez mesmo o maior — de nosso tempo”. Ortega y Gasset descobre nele “mais do que um antropólogo: um pensador de importância universal”. T. Lynn Smith encontra em seus livros “a maior obra sociológica da América Latina”. Sir Neville Montagne Butler descobre em Gilberto Freyre “um dos maiores sociólogos de todo o mundo”. José Osório de Oliveira denomina o conjunto de sua obra “*Summa Sociologiae*”. Paul Rivet encara o autor brasileiro como “um grande renovador dos estudos sociais, a quem muito ficam a dever todos os sociólogos europeus”. Carlo Rossi vê em Gilberto “o brasileiro que mais merece a atenção dos europeus”.

Vamos assinalar algumas datas, necessárias para a compreensão da obra e do autor. Já em 1922, a tese de Mestrado, *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, revelava a tônica de toda a sua obra literária e científica. Essa tese, que tanto entusiasmou o famoso crítico social e literário norte-americano, Henry L. Mencken (que aconselhou o jovem autor a expandi-la no livro que viria a ser *Casa-Grande & Senzala*), foi apresentada à Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, onde Gilberto, discípulo do grande antropólogo Franz Boas, frequentou também as aulas do sociólogo Franklin Giddings e do economista Edwin Seligman. Continuou os estudos antropológicos na Europa, visitando os centros e museus de maior importância. Fez de Oxford sua base permanente, mas assistiu, em Berlim, às conferências de Max Dessoir sobre Antropologia Filosófica.

Já em 1928 se encontrava como professor de Sociologia na Escola Normal de Pernambuco. Em 1934 realizou-se, no Recife, por sua iniciativa, o *Primeiro Congresso Afro-Brasileiro*, onde apresentou dois trabalhos, resultado de pesquisas que havia empreendido, sobre *Deformações Corporais em Escravos Fugidos* e sobre *Métodos de Determinação das Origens Regionais dos Africanos na América*. Tudo isso fez com que o sociólogo brasileiro Roquette Pinto chamasse a atenção para o jovem antropólogo do Recife, destacando seu profundo conhecimento da moderna Biologia Racial e sua maneira original de pensar. Desde en-

tão começou Gilberto Freyre sua marcha triunfal pelas universidades do Brasil, da Europa, da América Latina e dos Estados Unidos. Sobre suas idéias chegaram a ser realizados seminários e congressos especializados, como, por exemplo, o que, por iniciativa da Sorbonne, reuniu-se em 1956 no Castelo de Cerisy, sob a direção do Professor Gouhier.

Em 1946 entrou no Parlamento Brasileiro, como candidato de estudantes universitários, tendo participado da elaboração da nova Constituição Federal. Em 1948 a UNESCO convidou oito famosos pensadores e cientistas sociais — conhecidos como *Os Oito Sábios de Paris* — para um colóquio sobre *Tensões que Causam Guerra*. Entre esses oito, Gilberto Freyre, ao lado de Gurvitch, de Paris, Allport, de Harvard, Horkheimer, de Frankfurt, Szlai, de Budapeste, Rickman, da Inglaterra, Naes, da Noruega, e Sullivan, dos Estados Unidos.

Em 1954, a República Federal da Alemanha encomendou a Gilberto Freyre um parecer sobre "as crianças da Ocupação". E a ONU solicitou a opinião do sociólogo brasileiro sobre o problema racial da África do Sul. Em 1956 foi um dos quatro conferencistas principais, com Leopold von Wiese, da Alemanha, Morris Ginsberg, da Inglaterra, e Georges Davy, da França, no Congresso Internacional de Sociologia, realizado em Amsterdam. Na Universidade do Distrito Federal, do Rio de Janeiro, Gilberto Freyre fundou a primeira cátedra de Antropologia Social e Cultural, introduzindo essa disciplina, assim como a pesquisa de campo sociológica, no currículo do ensino e da pesquisa das universidades brasileiras.

Gilberto Freyre compreendeu e dominou os métodos histórico-culturais, a teoria da "Gestalt", os "tipos ideais" de Max Weber e a sociologia de Simmel. A utilização de documentos pessoais, nos estudos antropológicos, foi ele o primeiro que, como instrumento metodológico, a introduziu na ciência social brasileira. Dele, ainda, as primeiras pesquisas, sistematizações, análises, no Brasil, das relações da Antropologia e da Sociologia com a Psicologia Social, a Psiquiatria Social, a Medicina, a Arquitetura, o planejamento urbano, as artes plásticas, a literatura, o teatro, a decoração, a alimentação, a culinária, a doçaria, a moda, o jogo.

Durante seu mandato de Deputado Federal, fundou o pioneiro Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco.

Em que consistem o mérito e a originalidade de Gilberto Freyre? O que significa, para a sociologia contemporânea, esse *Casa-Grande & Senzala* que aparece em vigésima edição quando o autor, em 1980, completa 80 anos?

Anísio Teixeira coloca-o no nível de Ortega y Gasset, Bergson e Proust: "Não é apenas mestre, mas um fundador da sociologia". O próprio Gilberto descreve seu método como "humanístico e científico; psicológico e, ainda mais que antropológico, meta-antropológico". A história social se transforma em história

íntima, abrangendo não somente o "senhor", mas também a mulher, a criança, o escravo, o padre, o feitor, os bichos, a paisagem, a alimentação, a vida doméstica, profissional, conjugal, a escravidão, a poligamia, a virtude e o vício, o amor e o sexo em suas expressões normais e anormais, a ambição, a avareza, enfim tudo o que influi na vida social". Tudo Gilberto Freyre anota escrupulosamente. Busca suas fontes em lendas, tradições, danças, canções, provérbios, receitas de cozinha, anúncios de jornal, sobretudo os que falam em escravos para vender, com procedências étnicas, condições físicas, marcas e sinais. Utilizou testamentos, doações, cartas de juízes, bispos, governadores, proprietários, livros de ata, registros paroquiais, lápides tumularès, sentenças dos tribunais leigos e eclesiásticos.

A isso Gilberto Freyre denomina "metodologia pluralística", que poderia ser aplicada a todos os estudos antropológicos e não só aos brasileiros. Compõe-se de grande número de técnicas, instrumentos e processos. Aí está a contribuição brasileira para a nova metodologia sociológica e sócio-antropológica. A Sociologia deve apoiar-se em pesquisas antropológicas o mais possível abrangentes para chegar a sínteses sócio-filosóficas. O método histórico-cultural de Frobenius, que tentava pesquisar o homem dentro do seu ambiente natural, dentro do mundo *em que* o homem vive e *que* o homem vive, é alargado por Gilberto Freyre para que possa servir aos problemas específicos do Brasil e, em geral, da Sociologia. Não é a situação que deve adaptar-se ao método, mas o método à situação. Cada situação exige sua combinação metodológica particular. Daí se segue a recusa, por parte de Gilberto Freyre, em aceitar os simplismos das abstrações metodológicas, que talvez servissem para uma sociologia estática ou apenas descritiva, mas que não se presta à "sociologia interpretativa".

Gilberto Freyre penetra no mais íntimo dos fenômenos e processos e busca o "como" do brasileiro, seu modo de viver em casa e na rua, na igreja e nos salões, no campo e na empresa urbana. As roupas, a alimentação e, acima de tudo, a vida sexual de senhores e escravos, de brancas, negras e mulatas, tornam-se objeto de análise que reúne o naturalismo a todo o refinamento de um psicólogo social introspectivista.

Em sua obra *A Triangulation on the Culture of Mexico*, o Professor Munro S. Edmondson, da Universidade de Tulane (E.U.A.) inclui a teoria de Gilberto Freyre entre as oito mais importantes sobre a mudança cultural, distinguindo-se a sua pelo "weighting of telluric influences". As sete outras são as Murdock ("kinship structure sequences"), Linton ("nativism hypothesis"), Redfield ("concept of urbanization"), Kroeber ("concept of stimulus diffusion"), White ("calculations of energy levels"), Lévi-Strauss ("structures élémentaires de la parenté") e Whiting ("phasing of socialization").

Gilberto Freyre tem exercido grande influência sobre as teorias atuais do problema racial. Coloca-se decididamente contra toda espécie de determinismo evolucionista, mas sem desconhecer os componentes físicos da existência huma-

na. "O ambiente físico do homem sempre condiciona seu desenvolvimento social". Condiciona — note-se bem — e não determina. Volta-se contra o determinismo, porém não sem admitir que "a técnica da produção econômica" exerce, "sobre a estrutura da sociedade e sobre as características de sua fisionomia moral" um influxo importante. Pois, para Gilberto Freyre, o fator econômico é poderoso como nenhum outro em tudo que diz respeito à capacidade de desenvolver sociedade com características aristocráticas ou democráticas, à poligamia ou à monogamia, às barreiras de classe ou à mobilidade ampla. Muito daquilo que considerações apressadas de eugenia ou cacogenia fariam crer que resultasse de traços ou defeitos hereditários, deve ser antes atribuído à persistência, através de gerações, de condições econômicas ou sociais com efeitos favoráveis ou deletérios para o desenvolvimento humano.

Gilberto Freyre combateu energeticamente o biologismo dos que, no Brasil (Oliveira Vianna, Nina Rodrigues, etc.), defendiam o determinismo racial. Ele pesquisou a origem étnica dos escravos africanos, chegando à conclusão que nunca existiram, no Brasil, nem o negro nem a cultura negra em plano *abstrato*. Já no tempo da colonização ocorria o transplante de *diversos* povos e culturas, altamente diferenciados uns dos outros. Muitas dessas culturas em nada ficavam a dever às culturas européias, sobretudo à portuguesa, aliás já fortemente marcada por elementos africanos desde o tempo em que os mouros ocuparam a Península Ibérica. Não existem superioridades ou inferioridades propriamente raciais. O que se considerava influência do *negro*, enquanto membro de uma raça, na história social do Brasil, era muitas vezes influência do *escravo*. Exatamente no ano em que Hitler chegou ao poder, Gilberto Freyre proclamou a superioridade do negro, não só sobre o índio, mas mesmo sobre o português, em muitos valores culturais e morais, em aptidões técnicas e artísticas.

Em *New World in the Tropics* — obra escrita originariamente em inglês — Gilberto Freyre descreve o espírito brasileiro de acomodação racial como o segredo da construção, nos Trópicos, de uma cultura moderna, humana e cristã. Aquilo que os ingleses conseguiram com o equilíbrio político, os brasileiros realizaram no plano sócio-cultural, através da democracia racial, com quase completa igualdade de oportunidade para todos os homens, sem distinção de raça ou cor. Esta tese tem sido contestada, inclusive por sociólogos brasileiros, mas expressa o fato inegável de que não há no Brasil ódio ou luta de raças, sem excluir, ocasionalmente, uma certa consciência das diferenças raciais.

A Lusotropicologia consiste no estudo sistemático do processo de integração dos portugueses e de seus continuadores em ambiente tropical. Suas teses fundamentais Gilberto Freyre as apresentou em 1957, em Bruxelas, durante um congresso científico. Os portugueses realizaram seu trabalho de colonização nas circunstâncias mais adversas, mas foram os primeiros dos colonizadores europeus a criarem, nos próprios trópicos, uma base permanente de produção econômica. Onde outros europeus fracassaram, os portugueses — que de resto Gilberto Frey-

re, em muitos casos, encara com forte espírito crítico — conseguiram estabelecer os fundamentos de uma civilização tropical de importância universal.

## O ESCRITOR

Gilberto Freyre prefere denominar-se "escritor com formação antropológica". Fundou ou orientou a fundação de muitas cátedras universitárias, mas recusa demorar-se na função de professor, em seu país ou no exterior. Do mesmo modo, tem declinado os mais honrosos convites para Ministro ou Embaixador. Sua inquietação intelectual, seu estilo de vida, ele os considera incompatíveis com laços oficiais. Na juventude levou "vida de cigano". Só para iniciar novas experiências é que assumiu, durante pouco tempo, cátedras de Sociologia ou de Antropologia na Escola Normal do Recife ou na Universidade do Brasil. Sua vocação não se encontrava dentro do espaço universitário. Sempre foi um "scholar" sem cátedra, um pensador sem laços com ideologias sistemáticas e fechadas, mas sempre ocupado em pensar, analisar e criticar.

Nunca se cansa de proclamar-se escritor. Entende-se porque é que a *Catholic Sociological Review* o compara a Balzac, Proust, Defoe ou Dostoievski. É a mesma revista que afirma que "o quadro que pinta da natureza humana compara-se ao de Shakespeare". E Gilberto Freyre reconhece: "O que eu sou, fui e quero ser é, acima de tudo, isto: escritor. Tudo mais apresenta-se de importância secundária ou prejudicial à minha exata vocação". Deseja ser reconhecido é como escritor e mesmo como poeta. A obra de Gilberto Freyre — que a mais idônea crítica especializada não hesita em incluir entre as mais perfeitas produções literárias da língua portuguesa — nasceu tanto da realização apaixonada do impulso socrático de busca, quanto da firme recusa aos compromissos institucionais de ensino e de pesquisa. Os métodos científicos ele não apenas dominou e assimilou; também os transformou e, quando lhe pareceram imprestáveis, recusou-os. Desenvolveu seu próprio método, digno da máxima atenção.

Para teses absolutamente novas, originais, independentes, Gilberto Freyre tem sabido encontrar expressão criativamente independente e original. É autor biográfico e autobiográfico, que, com realismo introspectivo, domina soberanamente tanto os temas literários do regionalismo pernambucano quanto técnicas revolucionárias de descrição. "O grande dominador da língua portuguesa" (Afonso Reyes) é, no mundo inteiro, reconhecido por seu raro poder de escritor e por sua grandíssima força de expressão. "Sociólogo, sim, mas em primeiro lugar escritor", disse dele Albert Béguin. O qualificativo "genial" aparece repetidamente nas apreciações do valor literário de seus livros.

O ilustre crítico brasileiro, Álvaro Lins, declarou que o estilo de Gilberto Freyre decorre do que existe de mais original e pessoal em suas idéias. "Uma nova maneira de pensar exige sempre um novo estilo, pois o estilo não é instrumento, mas a própria configuração da obra". Por isso é que se atribui ao estilo de Gil-

berto Freyre — que lembra tanto o de Proust — tanta importância quanto aos seus estudos sociológicos e históricos. Sua linguagem e o seu estilo enriquecem o idioma escrito, dando-lhe mais naturalidade através da valorização de aspectos da língua do povo, da força de interpretação tanto literária quanto científica que manifesta em seus trabalhos.

Compreende-se que um André Rousseaux afirmasse “Nunca, jamais imaginei que um trabalho sociológico pudesse ser uma das melhores obras literárias que já li, uma das mais vivas, ricas, coloridas, de infinita riqueza humana”. Fernand Braudel descobria em Gilberto o continuador de tradições mais espanholas do que portuguesas, dos Ganivet, Unamuno e Ortega. Thomas Mann tinha Gilberto Freyre como “grande escritor” e Bertram D. Wolfe admirava o seu “talento literário, que se encontra menos em sociólogos que em romancistas”, qualificando sua obra como “obra-prima não só do Brasil, mas do nosso tempo e do nosso Hemisfério”.

Para Jorge Amado, “o aparecimento de *Casa-Grande & Senzala* significou uma revolução cultural e literária, um novo caminho para a ciência, um acontecimento básico para a transformação do Brasil, ponto de partida dos estudos brasileiros. Antes de 1933, um livro de estudos no Brasil — com poucas exceções — era sinônimo de livro chato, ilegível, pessimamente escrito. Parecia ser dever de sociólogos e historiadores expressarem-se do pior modo que pudessem, usando as palavras mais pedantes. Gilberto Freyre acabou de vez com essa tradição e mostrou que um trabalho científico também podia ser literário”.

O impacto e a irradiação de Gilberto Freyre sobre a cultura brasileira exigiram muitos estudos detalhados. Mário Marroquim tem o ponto de vista de que se deve datar a vida intelectual brasileira com as letras a.G. e d.G. — antes e depois de Gilberto Freyre. Novas palavras e construções de Gilberto Freyre, no já bastante rico idioma português, passaram a constituir a língua das modernas ciências culturais. Críticos literários e estilistas não param de estudar sua maneira de expressar-se. Sua influência sobre a “revolução cultural” do Brasil foi e continua a ser assunto de muito debate para os historiadores da cultura. O que a jovem — a então jovem — geração ficou devendo a Gilberto Freyre foi se infiltrando por todo o terreno das ciências sociais e culturais. Seu trabalho influenciou especialmente a Geografia, a História, a Linguística Românica e Anglo-Saxônica, a Medicina, a Arte, a Arquitetura, a Filosofia, a Filosofia da História, a Antropologia e a Sociologia, a Literatura e a Ciência do Direito.

A plenitude criativa desse eminente brasileiro atravessa a faixa muito larga que vai do poeta Gilberto Freyre ao fundador de novos métodos científicos com lógica rigorosa. Também na Política exerceu a maior influência. Foi constituinte em 1946, Deputado Federal, Vice-Presidente da Comissão de Política Cultural do Parlamento, muitas vezes delegado do Brasil em congressos internacionais, consultor e comentador dos mais apreciados em assuntos internacionais.

Com Villa-Lobos, na Música, Oscar Niemeyer, na Arquitetura, Lúcio Costa, no Urbanismo, Cândido Portinari, na Pintura, Gilberto Freyre, nas ciências culturais, é um dos brasileiros mais conhecidos da atualidade. E isso por causa de sua grandiosa interpretação da História do Brasil, criando normas de entendimento válidas, não apenas para seu país, como para toda a América Latina. Muito importante, a esse respeito, sua Hispanotropicalologia.

Só me resta exprimir o meu pesar de que a obra básica de Gilberto Freyre só 32 anos depois de seu aparecimento tivesse chegado ao leitor alemão.

No *Prefácio* à sexta edição brasileira de seu livro, em 1946, Gilberto Freyre anunciava que o Coronel Hans Hashagen, de Göttingen, informado por uma recensão do Manchester Guardian, tinha pedido autorização para traduzir *Casa-Grande & Senzala* para a língua alemã. Hashagen, nesse livro, descobria um corretivo para a mística do Arianismo e da superioridade nórdica. Porém o Coronel morreu quando mal havia iniciado o trabalho.

Em 1956, Gilberto Freyre foi convidado para professor visitante em várias universidades alemãs, entre elas a Universidade Livre de Berlim e a Universidade de Münster, que lhe conferiu o grau de *Doutor Honoris Causa*. Em 1958 fez o possível para encontrar um editor alemão para *Casa-Grande & Senzala*. Em vão. Depois de tentativas penosas e deprimentes, afinal obtive êxito em 1965 e, agora, com esta edição, à qual logo se seguirá, pela mesma editora, a tradução de *Sobrados e Mucambos*. Precisamos ir adiante. Um catálogo das obras completas de Gilberto Freyre, publicado em 1980, além dos artigos em revistas e jornais, compreende 75 livros, vários deles editados em inglês, francês, espanhol, italiano, japonês, polonês e húngaro.

Para compreender o Brasil é necessário conhecer as pesquisas e conclusões de Gilberto Freyre e meditar muito sobre elas. Para que o leitor alemão tenha acesso a tal riqueza, fazem-se urgentes novas traduções, começando pela seqüência lógica e cronológica de *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos*: e *Ordem e Progresso*.